

O peso da neblina, a leveza do rochedo

FRANTHIESCO BALLERINI

edições
GLS

O PESO DA NEBLINA, A LEVEZA DO ROCHEDO
Copyright © 2026 by Franthiesco Ballerini
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Marina Vitale**
Preparação: **Samara dos Santos Reis**
Capa: **Delfin [Studio DelRey]**
Imagem de capa: **“O abraço”, de Junior Lopes**
@juniorlopes
Diagramação: **Natalia Aranda**

Edições GLS

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
<http://www.edgls.com.br>
e-mail: gls@edgls.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Prefácio	7
--------------------	---

I — O PESO DA NEBLINA

Amarelo-bebê	11
Fôlego	15
Treze do onze	19
Meia-calça	23
Feia	28
Franga	32
Titanic.	36
Vida nova	41
Beatriz.	46
Noivado	50
Casamento	56
Marcel.	63
Divórcio	67
O peso da neblina	75

II — A LEVEZA DO ROCHEDO

Expurgo	87
Caio.	93
Filho	97
Família	104
Nada pode prosperar	112
Bandeira hasteada	118
A ruína do armário	121
Ruptura	125
Síndrome da contaminação	129

Relacionamento aberto, mundo fechado133
Desenlace137
Templos144
A leveza do rochedo148
Posfácio157

Prefácio

Um livro, muitas histórias

É **muito prazeroso** e gratificante falar sobre esta obra. Embora seja ficção, a vida de Daniel e suas descobertas representam a história de muitas pessoas. Enfrentando o preconceito, a culpa, o autojulgamento e o julgamento de Deus, imposto por seu nome (derivado do hebraico, Dan — juiz — e El — Deus —, cuja tradução seria “Deus é meu juiz”), Daniel procura a si mesmo. Assim, parte para a melhor e a mais difícil das aventuras: a autodescoberta.

Esse olhar para dentro, com a coragem de revelar erros e limitações da mesma forma com que expõe sua bravura e suas qualidades, faz de Daniel um personagem fascinante. Não à toa, os demais personagens, à exceção de Beatriz e Caio, que têm forte sustentáculo, são peças adjacentes que ajudam a entender essa viagem ao centro de si mesmo.

Dividido em duas partes (*O peso da neblina* e *A leveza do rochedo*), o livro de Ballerini seleciona recortes de vida para tentar equilibrar justamente esses dois polos: o peso e a leveza. Seu personagem, acompanhado desde criança, nos remete às angústias dos assuntos não tocados, de conflitos jamais resolvidos, porque nunca postos à luz. Aí está o peso.

Conforme o personagem vai amadurecendo e reconhecendo em si a capacidade de superação, sempre tão complexa e difícil, sobretudo quando não consegue ver as mesmas referências no mundo — e quando ninguém ouve o que foi dito ou percebe o não dito —, ele se revela a quem lê como uma pessoa cada vez mais inteira. Assim, a jornada de Daniel passa a ser também a nossa: inconstante e complexa. Aqui está a leveza.

Outro grande mérito deste livro é abordar um tema dificilmente trabalhado: a bissexualidade. Porém, não se trata aqui de levantar uma bandeira, o que, diga-se, seria igualmente legítimo. Trata-se, sim, de se debruçar sobre os aspectos irremediavelmente humanos de uma condi-

ção. Por isso, Daniel nos leva às primeiras dúvidas, aos primeiros traumas, às turbulências que seguem na adolescência, chegam ao mundo adulto e, finalmente, desaguam na autoaceitação — mais do que isso, no autorrespeito. Um livro com muitas histórias, que também são histórias de amor. De amores. O que mais posso dizer? Sigam nessa aventura extraordinária que é a vida de Daniel!

CÁSSIA JANEIRO

Autora de *As filhas de Eva* (2008) e *A pérola e a ostra* (2007)

Escritora premiada no Brasil, na França, na Itália e na Holanda
Diretora da União Brasileira de Escritores e
coordenadora regional da ONG Mães pela Diversidade

I
O peso da neblina

Para Ana

Amarelo-bebê

1991

Aos domingos íamos ao culto no templo colado ao colégio. No carro, logo depois, recebíamos uma nota, minha irmã, meu irmão e eu, pelo comportamento durante aquela sagrada hora. Éramos três: Samuel, que tinha o nome de Deus e completara doze anos; Maria de Fátima, nome inspirado na mãe de Jesus, com oito anos; e eu, Daniel, que significa “Deus é meu juiz”. Meus pais sempre reforçavam o valor da alcunha de cada um — e de seu peso. Não havia dúvida: éramos cristãos de corpo e alma, e orgulhosamente evangélicos. As avaliações proferidas demoravam, porque precedidas por muitas justificativas. Feitas as avaliações, saíamos para almoçar.

Num final de semana durante a quaresma, a rotina foi quebrada, talvez porque o pai estivesse viajando a trabalho. Também foi rompida pela minha calça social, que acabei manchando de manteiga na pressa e troquei por uma de moletom. Minha mãe, que só ia ao culto com meu pai, colocou os olhos muito verdes sobre mim em ato de franca reprovação. Samuel reclamou, com sua voz pastosa e cabelo preto idem, e Maria de Fátima me fuzilou irritada, com o mesmo olhar verde-materno; seus cachinhos loiros chegavam a balançar, enquanto protestava pela demora. Eles tampouco foram à celebração naquele domingo e eu, vítima de hábitos muito arraigados, segui sozinho com meu moletom. Afinal, era minha obrigação.

Aproveitei a solidão e convidei o Alex para ir ao culto matinal. Ele era um dos únicos garotos negros que estudavam naquele colégio, que ostentava seu catolicismo em cada canto e parede. E o único amigo menino. Estudávamos na mesma sala e frequentávamos as casas um do outro com relativa frequência. Meus irmãos tinham outros interesses e colegas, o que fazia de mim uma criança bastante solitária.

Os dentes frontais de Alex, levemente acavalados, davam-lhe um ar cômico-infantil. Talvez por ser pobre e estudar graças a uma bolsa, de-

envolveu uma esperteza e uma coragem que me faltavam; quiçá isso fosse dele mesmo sem nenhuma relação com a sua condição socioeconômica. Sua família não era evangélica e, portanto, a relação dele com Deus e Jesus não carregava as mesmas características da minha, de submissão e medo. Ele se dedicava aos princípios cristãos apenas o mínimo para garantir certa socialização e tentar sustentar o benefício. Sobrevivência. Sua frequência aos cultos, por exemplo, era esporádica. Assim, quando aceitou o convite, eu sabia: ele foi por minha causa. Na minha cabeça infantil, pensava: ele veio por mim.

Chegamos quinze minutos antes e, por milagre, havia lugares nos primeiros bancos. Misturamo-nos entre senhoras, senhores, casais de meia-idade com filhas e filhos, moças e moços avulsos. Rostos corriqueiros de Poços de Caldas. As pessoas se cumprimentavam acenando silenciosamente com a cabeça, numa espécie de reverência ao lugar sacro e, ao mesmo tempo, tão íntimo de suas rotinas quanto a cozinha, o quarto e o banheiro.

O pastor Piacentini, que também dava aulas de educação moral e cívica no colégio e acompanhava as turmas nas viagens de formatura, comandava o culto. Era a cara do Ned Flanders, o pai de família todo certinho do desenho *Os Simpsons*, que tinha acabado de estrear na TV. Alex e eu rimos assim que ele entrou no altar. Sua roupa amarelo-bebê exibia detalhes dourados, reluzentes à luz do sol, e criava um foco evidente a iluminar o espaço litúrgico. Emanava um poder cristão resplandecente, em contraste ao amarelo-bebê, que remetia à inocência e à pureza. Poder e inocência: o equilíbrio estampado em sua indumentária. Tudo pensado para criar o ambiente ideal para o sagrado, que purificaria nossa alma pecadora. *Confiteor*.

O amado pastor reconheceu nossas carinhas nas primeiras filas e fitou-nos por diversas vezes. Não sabíamos o que se passava naquela cabeça pura. Na hora de comungar, aproximei-me e Ned Flanders suspirou baixinho, com a boca roçando a minha orelha esquerda. Olhei para Alex, que vinha atrás de mim, e sorrimos em silêncio. Ele se divertia; o culto era um *playground* sacro para ele. Quando dava seu risinho e expunha os frontais salientes, parecia ainda mais terno. “Oremos em pé”, disse o pastor, apoiando a mão esquerda sobre a per-